



MARÇO

2022



Nova Atena
Sabere e Bem-Estar



Vamos Trazer a
Palavra Escrita
aos Nossos Dias!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

MARÇO

2022



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

ÍNDICE

AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
CARLOS BAPTISTA	No Dia dos Namorados	2
CARLOS BAPTISTA	Tirano insano	3
FAUSTINO VITAL	As estações da vida	4
FRANCISCO LOURENÇO	Primavera Cinzenta	5
GUIDA CORREIA SANTOS	O jovem romeno que também falava Húngaro e Inglês	6
JERÓNIMO PAMPLONA	A perda de um amigo	7
JORGE PROENÇA	Olá, Bom dia	8
LUÍSA MACHADO RODRIGUES	Rússia	9
MARIA AMÉLIA MENDES	Para ti dei voz às minhas mãos	10
MARIA DA CONCEIÇÃO AREIAS	Ucrânia	11
MARIA DE LOURDES SANTOS	O Leãozinho no circo	12
MARIA SILVEIRA	Eles	13
MARINA BRANDÃO LUCAS	Quem não viu o que eu vi	14
MARINA BRANDÃO LUCAS	Religiões	15
TERESA CASTRO NUNES	O Primeiro	16

Carlos Baptista

 POESIA PROSA

No Dia dos Namorados

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

Nova Atena
Saber e Bem-Esser

NO DIA DOS NAMORADOS

Não me ofereças camisas,
Vão ficar desbotadas
No armário, esquecidas,
Nem aftershave ou perfume
Que depois vão evaporar.
Não me ofereças gravatas
Que não me quero enforcar

Hoje não te vou dar rosas
Ou as flores do costume.
Depois não serão mais viçosas
Murcham, perdem o perfume
Não te vou mandar um postal
Pois não é obra minha
É do marketing comercial.

Dou-te antes um sorriso,
Um olhar sem palavras,
Um olhar silencioso,
Abraços e ternuras.

Olha-me nos olhos
Espreita-me a alma
Num abraço infinito
Que minha dor acalma.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Carlos Baptista

género

POESIA PROSA

título

Putín, tirano insano



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

PUTIN, TIRANO INSANO

Faz um favor à humanidade

Morre covarde malvado

Escondido atrás de generais

Que ao povo juraram fidelidade

Falso juraram, pois jamais

Defendem o povo da insanidade

Faz um favor ao mundo

Morre insano nauseabundo

Escondido atrás de mentiras

E da tua História inventada

Ultrapassas as fronteiras

Da Ucrânia atormentada

Faz um favor à gente

Morre tirano demente

Com bombas destróis cidades,

Hospitais e até cemitérios

Ucranianos não são cobardes

E lutam contra os teus sicários

Só desejo que percas a vida

Morre déspota genocida.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Faustino Vital

gênero

POESIA PROSA

título

As estações da vida

AS ESTAÇÕES DA VIDA

Em certa altura da minha vida tive cinquenta anos, estava na plenitude da minha existência, sentia-me bem, estava bem e o tempo corria como água em ribeiro irrequieto e saltitante.

Então, vão passando por mim dez Verões cheios de sol, longos e dormentes, brilhantes e luzidios como cristal bem polido, em que o tempo me chega e até me sobra.

Vejo caírem as folhas das árvores durante os seguintes cinco anos de Outono, cores garridas, do amarelo mostarda ao vermelho intenso e vai aparecendo um musgo nos cantos das casas e na base dos troncos das árvores. Carrego às cavalitas os meus netos pequenos e leves como rebentos nascidos em tempo primaveril anunciado. São traquinas, mas expansivos e cada um à sua maneira dão alegria quanto basta a quem os rodeia.

Acontece entretanto, por mim passarem mais cinco Invernos de chuva, ora mansa ora forte quando bate nas vidraças das janelas, deixando pequenas ondulações verticais que vão escorrendo, desenhos indecifráveis e em permanente mutação que nos prendem o olhar em longos momentos e nos transportam para longe, para o indefinido.

Brilham mais cinco Primaveras em que flores despontam por todo o lado como miríades de estrelas e os aromas me invadem o nariz, dando-me paz e prazer no que faço dia após dia.

E, de repente, sem sequer me aperceber, quando nos encontramos e eu abraço os meus netos pelo tronco são eles que me passam os seus braços por cima dos ombros num aperto afectuoso. Agora para olhar as suas caras tenho que erguer a minha. Eu, não tenho a certeza, mas parece que encolhi, diminuí e eles cresceram na medida dos anos que, entretanto, passaram. Há um sentimento de corte temporal, parece-me que as folhas do calendário ficaram só por quinze dias ao mês, os ponteiros do relógio foram girando mais depressa e não contam só minutos, mas quartos de hora em cada segmento. À noite o sono é mais breve, a insónia mais prolongada pois cabeceamos a despropósito de dia e em horas insólitas. Quem já andou não tem mais para andar. Ainda agora era noite e já se fez dia. O dia apareceu e já se anuncia o crepúsculo. É o tempo de uma música, de uma canção, de um dizer olá. Como é que estas coisas andam tão depressa? Quem nos anda a roubar o tempo, esse que é medido pela nossa vivência dos dias passados? Por favor, estações, anos, dias, horas e minutos andem mais devagar, deixem essa aceleração vertiginosa, não corram, andem mais lentos, como eu, por favor.



Nova Atena
Saber e Bem-Estar





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Francisco Lourenço

género

POESIA PROSA

título

Primavera cinzenta



Nova Atena

Saber e Bem-Estar



PRIMAVERA CINZENTA

O céu está com nuvens carregadas, a tão desejada regou os campos
De vez em quando espreita o sol, papoilas vermelhas espalham encantos!

A toda a hora notícias da guerra, imagens violentas de desumana destruição
Golias ordena ataque brutal, David resiste e exalta a sua Nação!

A Rússia é prepotente e invasora, a Ucrânia defende a sua soberania
De um lado um regime totalitário, do outro luta-se pela democracia!

A terra treme para os lados dos Açores, S. Jorge vive dias angustiados
O vírus não vai embora de vez, queremos da máscara ser libertados!

A violência acontece na vida noturna, Polícias são barbaramente atacados
Um não resiste aos ferimentos, lutam pela segurança e são mal-amados!

O céu continua muito cinzento, a paz no mundo está ameaçada
Que a Primavera volte a florir, que o Sol brilhe em tarde dourada!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Guída Correia Santos

género

POESIA PROSA

título

O jovem romeno que também falava húngaro e inglês



Nova Atena

Saber e Bem-Esser

O JOVEM ROMENO QUE TAMBÉM FALAVA HÚNGARO E INGLÊS

Voámos na TAP e ao meu lado ia um jovem de quinze ou dezasseis anos. Reparei que rezava durante a descolagem e depois se benzeu.

Apeteceu-me logo falar com ele e depressa entablámos conversa. Perguntou-me se eu estava habituada a voar, que ele era a segunda viagem de avião que fazia, agora de regresso a casa. Contou-me que tinha estado em Portugal durante duas semanas a fazer um estágio num hotel do Montijo, juntamente com outros quinze jovens romenos. Pareciam todos muito animados, pois conversavam de um lado para o outro.

Falou-me da sua família, que vive da agricultura e da criação de animais, que o pai também vende casacos de pele fabricados por ele próprio, que a mãe como tantas outras mulheres ainda tentou a emigração em Espanha, mas não se adaptou e regressou a casa. Explicou-me que falava a língua húngara apesar de ser romeno. pois na Transilvânia, a sua região, o currículo escolar contempla igual número de horas ao romeno e ao húngaro, provavelmente por aquele território ter pertencido à Hungria. Enfim, este foi o meu primeiro contacto com alguém daquele antigo império austro-húngaro que tanta curiosidade me desperta.

Visitar Budapeste era uma ideia que andava vagamente suspensa no meu espírito. Uma vez, conversando com umas pessoas húngaras, pedi para me fazerem uma comparação entre esta cidade e Praga. Disseram-me: Praga é mais "mignone", Budapeste é mais clássica. E a partir daí fiz uma ideia de Budapeste em comparação com Praga que conhecia bem.

Agora, ao fim de dois dias em Budapeste, vejo com clareza todos os contrastes. De Praga vêm-me à memória todos os recantos encantados, os pequenos prédios barrocos, a arte nova, as ruas estreitas, as praças pequenas, as igrejas de espirais góticas, as cúpulas em cebola das igrejas barrocas, os telhados vermelhos que se avistam da subida para o Castelo, a imponente Catedral de S. Vítor e as ruelas à volta, o rio Moldava e a ponte Carlos. Tudo lindo, mas fugindo à geometria perfeita do classicismo.

Budapeste é um modelo clássico europeu, é uma espécie de Paris de prédios sumptuosos alinhados nas margens do Danúbio, é uma espécie de Viena, de monumentos grandiosos e teatros, óperas, igrejas, edifícios ricos e monumentais, é uma espécie de Londres com o seu Parlamento neogótico sobre o Danúbio qual Tamisa com largos e extensos passeios ao longo do rio, com praças ajardinadas de ambiente acolhedor, meio escondidas por entre avenidas que aqui se chamam körut. Budapeste é sumptuosa e clássica, mas não demasiado como Viena, é elegante como Paris e é surpreendente e atrevida como Londres, é um misto de grande cidade, mas não demasiado turbulenta. Há uma atmosfera agradável e calma. As pessoas não correm nem se amontoam, os transportes são inúmeros, os turistas passeiam em grupo ou sozinhos porque se sentem seguros, os bares enchem-se ao fim da tarde e à porta das casas de espectáculo as pessoas conversam descontraídas e vestidas sem luxo, enquanto comem um pão típico coberto de sementes. Ao mesmo tempo, sobre as várias pontes do Danúbio, há pessoas que fazem jogging, gozando o ar fresco que parece soprar do imenso rio que reflecte as luzes dos monumentos ao longo dele. Dum lado, Buda, a colina, o castelo, as espirais góticas, brancas da Igreja de N^a Senhora mais conhecida por Igreja Matias. Do outro lado, Peste, o Parlamento, os hotéis de luxo, e as largas avenidas de prédios altos.

Era já tarde e regressámos a casa depois de um dia recheado de experiências variadas.





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

A perda de um amigo



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

A PERDA DE UM AMIGO

MANIFESTAÇÕES SOBRE A AMIZADE

No sector artístico há diversos relatos sobre relações de amizade, como sejam através de poemas, filmes, literatura e canções. Por exemplo, o cantor Roberto Carlos compôs uma canção chamada “Amigo” que se tornou muito famosa, continuando a ser ouvida nos dias de hoje. O mesmo aconteceu com um poema com o título de “Poema de Gilgamesh”. É um poema épico da Mesopotâmia, uma das primeiras obras da literatura mundial. Acredita-se que a sua origem sejam diversas lendas sobre o mitológico deus-herói Gilgamés que foram reunidas no século VII antes de Cristo pelo rei Assurbanipal. Existem outras obras célebres como, por exemplo, Dom Quixote e Sancho Pança.

COMO NUTRIR A AMIZADE

Tal como uma árvore, a amizade tem que ser fundada num terreno adequado à sua natureza. Para que possa enraizar e crescer harmoniosamente tem que lhe ser adicionados os ingredientes indicados para sua personalidade: Água, para manter a humidade permanente, nem de mais nem de menos! Adubos para garantir que as ornamentais mantenham a sua verdura original e as fruteiras deem frutos saborosos.

COMO SE PERDE UM AMIGO

A principal razão é a ausência de uma presença regular: *longe da vista, longe do coração!* A segunda, é a administração errada dos ingredientes mencionados. Alguns exemplos:

- Mudar a residência para uma localidade distante;
- Um dos amigos emigrar;
- Diferenças ideológicas, religiosas ou clubísticas;
- Apaixonarem-se os dois pela mesma pessoa;
- A morte de um dos amigos.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jorge Proença

género

POESIA PROSA

título

Olá, bom dia!



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

OLÁ, BOM DIA!

Olá bom dia, neste dia frio

Com sol brilhando num céu sem nuvens

Estes quase finais de outono, penso...

Deixam antever as últimas flores da buganvília

Que aos poucos se espalham no relvado

Crescido, a despeito do frio e da geada

Relevando o verde, nos ecos sombrios

Dos dias de chuva que se acercam-

Um novo olhar lembra-me dos netos

E das estivais brincadeiras com e sem bola,

Dos mergulhos salpicados de água doce

Com que nos confrontávamos no quintal.

Invariavelmente o tempo atmosférico

Marca o confronto das estações

O evoluir da temperatura e das gerações

E proporciona o esperar tranquilo

Da Primavera que em breve retornará...



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos dias!

nome

Luísa Machado Rodrigues

género

POESIA PROSA

título

Rússia



Nova Atena
Saber e Bem-Estar



RÚSSIA

“Era uma noite singular [...] o céu estava tão estrelado, tão claro, que ao olhar para ele, era preciso se perguntar, involuntariamente: será mesmo que podem viver sob tal céu pessoas raivosas e cheias de caprichos?”, questiona Dostoievski, em 1848, na sua obra “Noites Brancas”, a conhecida designação dada às curtíssimas noites de verão em São Petersburgo.

Uma tentação a literatura, o desejo de saltar do livro para o mundo real com que ele nos faz sonhar. Móbil das escolhas de grande parte das minhas viagens. Foi assim que aconteceu com a primeira visita à Rússia. Vivenciar as “noites brancas” de São Petersburgo. Sem terceiros, sem guias, apenas o casal à descoberta de um pouco do grande mundo de Dostoievski e, com ele, do muito do mito do império de uma Rússia recém-saída da então “guerra fria”. O ponto alto, a noite do solstício de verão com a ida ao inesquecível Concerto comemorativo e, na Praça do Palácio, assistir à imensa Parada Militar com os diversos ramos das forças armadas representados às centenas, em que sobressaia o branco dos bonés da armada refletido pela intensa luz da noite. Memorável! Desfeita a Parada, foi tal ver a impecabilidade e elegância daqueles jovens a se reunirem a familiares, esposas, namoradas (pares lindíssimos), todos misturados na multidão como nós e a circular horas a fio pela madrugada fora. Gente com um porte imperial, uma postura de poder, uma disciplina, um estar diferente do nosso e a que a nossa cultura é alheia.

O céu, até cerca das três da manhã, de um azul-cobalto como aquele que só Van Gogh conseguiu colocar na tela. Passava das cinco, o dia raiava em pleno. Regresso ao hotel, breve descanso, novo dia. Antes e depois deste, as consagradas visitas. Desde a ida ao Ballet Russo, ao Hermitage (com as suas inusitadas coleções que nos esmagam) ao Peterhof e ao palácio de Catarina, a Grande, passando pela fortaleza de S. Pedro e S. Paulo, pelas catedrais do Sangue Derramado e de S. Isaac, pelas pontes do rio Neiva e pela Fontanka (A “Veneza do Norte” a não perder, onde fazer de barco os respetivos canais ao por do sol é algo que corta a respiração...). Experiências culturais que tive a sorte de poder usufruir e que, acumuladas à de Moscovo, são inolvidáveis. Uma riqueza, uma monumentalidade que nos fazem sentir pequeninos, um mundo com um outro olhar, uma Rússia recheada da carga czarista que a tutelou do séc. XVI até aos primórdios do séc. XX.

Porém, estamos no séc. XXI. O mundo evoluiu. Uma coisa é ver e apreciar a herança histórico-cultural, outra é regressar ao passado. Como é possível, Rússia, ser tão atual o questionar de Dostoievski? Como pode a raiva e o capricho de alguém destruir soberanias e povos, advogar a GUERRA em nome do extinto IMPÉRIO?!

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!



Nova Atena
Saber e Bem-Esser

PARA TI DEI VOZ ÀS MINHAS MÃOS.

Ainda no ventre materno, por vezes te tocava ao de leve no teu ninho seguro e morno, querendo dizer-te como eras esperado e desejado.

Depois, mais tarde, enrolava os dedos nos teus cabelos para sossegar o teu choro e afugentar os sustos.

Dava-te a mão, que segurava firme, para te sentires protegido e em segurança.

Passava-te os dedos pelo rosto risonho e feliz, partilhando assim as tuas alegrias breves como um sorriso.

Com o dedo espetado eu sublinhava as primeiras letras, agrupadas em palavrinhas, esperando por ti para não te perderes naquele emaranhado de símbolos novos e mágicos.

Crescia a correr e eram as minhas mãos que te compunham o traje e o penteado, com alguma impaciência tua porque já eras “grande”.

E chegou o momento de deixares o ninho e os afagos faladores das minhas mãos.

Foi o aceno leve do adeus, o toque breve da mão nos lábios depois lançado ao vento no beijo de despedida.

Estás longe, vou sabendo de ti de vez em quando e sei que estás bem.

Será que ainda te lembras das minhas mãos?

Ainda ouves e entendes o que elas dizem?

Talvez nos voltemos a ver.

Para ti deí voz às minhas mãos que, já trémulas e gastas, ainda te aguardam para te acolher...

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!



Nova Atena
Saber e Bem-Esser

UCRÂNIA

Oiço as sirenes
 Pelos teus ouvidos,
 Irmão Ucrâniano,
 a quem roubaram
 o chão e a Paz |
 Vejo o clarão das bombas
 Pelos teus olhos,
 E sinto tremer o nosso corpo.
 Sinto a tua fome e a tua exaustão,
 Mas não posso respirar por ti,
 Se te abatem!
 És gente inocente;
 Não fizeste essa guerra
 Mas, és a grande vítima!
 Temos muita mágoa por ti.
 No meu/nosso abraço,
 Cabe uma Pátria ferida
 Povo valente
 Que resiste ao absurdo.
 Hoje, somos todos ucranianos!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria de Lourdes Santos

gênero

POESIA PROSA

título

O Leãozinho no circo



Nova Atena
Saber e Bem-Estar



O LEÃOZINHO NO CIRCO

Um lindo e ternurento leãozinho, nascido de parto natural no seu habitat natural, desenvolvia-se de forma natural, à base de alimentação natural e com a natural proteção dos pais leões. Os primeiros tempos de vida decorriam dentro das regras naturalmente familiares, com pais vigilantes, protetores e ainda rodeado de amiguinhos. O leãozinho era um animal feliz. Vivia na tranquilidade da natureza, que lhe proporcionava excelentes condições de vida; apenas tinha de se esforçar na aprendizagem inicial das regras de sobrevivência para se preparar e um dia vir a conquistar a sua autonomia. Tudo parecia garantido!

De repente, porém, muito se alterou! Foi raptado!! Que grande infelicidade! A notícia depressa se espalhou pela selva. Os leões desgostosos e empenhados, mobilizaram-se, percorreram o vasto espaço que tão bem conheciam e onde eram reis, mas sem resultado!! O leãozinho desaparecera sem rasto! Veio a saber-se mais tarde, que fora levado para atuar num circo. Aí, o dono do mesmo, tentava atrair clientes, à custa do sofrimento e exploração de alguns animais. O leãozinho, recém-chegado, era então submetido desapiadadamente a exigências que incluíam cumprimento de horários rígidos e intensivos, exercícios de equilíbrio altamente assustadores, alimentação artificial, falta de liberdade, disciplina rigorosa, incidência de luzes artificiais fortíssimas que quase o cegavam, ruídos de músicas estridentes, gases tóxicos de combustíveis utilizados na produção de energia, etc. agentes que comprometiam seriamente a sua saúde cada dia mais debilitada. Sentia a falta dos seus, da selva, da liberdade, da luz natural, onde o sol entrava entre o verde das ramagens, onde o oxigénio abundava e o silêncio imperava. O objetivo dos seus carrascos era sobretudo explorar a curiosidade das crianças que na sua ingenuidade, gostariam certamente de assistir às piruetas e outros movimentos de risco e esforços a que o leãozinho era submetido. Mas, no decorrer das atuações ele chorava, gemia tão intensamente que também as crianças sentiam a sua tristeza e choravam com ele. Começaram a recusar-se a ir ao circo e a notícia espalhava-se no local e arredores. A sensibilidade das crianças alterava assim atitudes enraizadas e tradicionalmente aceites e inquestionáveis até então. Agora, também pais, avós e outros familiares se interrogavam porque nunca tinham pensado no sofrimento atroz e anti natureza que era infligido aos animais no circo. Todos se uniam na defesa e proteção de tantos impiedosamente utilizados, visando lucros abusivamente desrespeitadores das suas vidas. As mentalidades começavam a mudar!!! Obrigada, crianças, pelo notável contributo para a mudança.

Sejam as precursoras do Novo Mundo de mais Amor, mais Respeito, mais Sensibilidade. Um Mundo Melhor.

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!



Nova Atena
Saber e Bem-Esser

ELES

Os homens, eles...

As novas toupeiras em trincheiras
Às mãos do ditador, do invasor
De novo a guerra, a crueldade
A ignomínia, a morte indiscriminada!

Partem sós para a luta desigual
Fala o dever, a defesa da pátria violada
Largam pai, mãe, irmãs, mulher, filhos
Há abraços, beijos, rostos em lágrimas,
Homem é humano, homem chora!

Ora vitoriosos, ora mutilados
Arma na mão, não desistem, resistem.
Arrogante, bem equipado, vai à carga o predador,
O perseguido pouco mais pode que o caminho minar
E... Surpresa! Aos poucos é no solo o vencedor!

Impotente o inimigo ao ar recorre e, nos céus,
Míssil, avião, tudo o que é expoente do belicismo
Entra em ação, ataca seja creche ou habitação
Seja comércio, indústria, teatro ou hospital
Sem moral, sem ética, a total destruição!

Os homens, eles...

Na retaguarda têm a força de quem para trás deixaram
Elas! As que no país ficaram, suas armaduras e camuflados tecem.
Elas! As que partiram, porque de seus filhos são as mães protetoras.
Todas e todos! Os seus amores que em seus corações permanecem...



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Marina Brandão Lucas

género

POESIA PROSA

título

Quem não viu o que eu vi



Nova Atena

Saber é Bem-Estar



QUEM NÃO VIU O QUE EU VI

Num domingo passado de verão quente. No chão empedrado da rua, uma página de um livro com um retrato de dama antiga chamou-me a atenção. Um vento leve levantou-a. Num passo mágico (como na canção do Benjaminim) fotografei-a (não na minha Rolleiflex) ... e a curiosidade ficou guardada.

A autora é Elisabeth d'Espérance, uma médium do século XIX que via os seus espíritos e fantasmas e que, em 1897 escreveu a obra NO PAÍS DAS SOMBRAS. Desejava ela demonstrar a existência de um mundo espiritual, aquele "grande trajecto da sombra para a luz". Era uma grande do movimento espírita europeu, de então.

Porque me surgiu ela num dia claro nesta Lisboa?

Porque, dois passos abaixo na sombra da luz, na base de um prédio secular, está uma pedra escrita? O que me tentam dizer estes recados antigos?

Tudo na Graça. Tudo de graça.

As paredes e muros da cidade passaram a dar-nos notícias do mundo que por vezes nos escapam já que as cartas diminuíram das nossas vidas e os écrans foram ocupando muito espaço, por vezes demasiado. São como postais ilustrados, pequenos recados, orações, silêncios, adeus aos mais velhos, olhos atentos, pássaros livres presos da cor, tudo numa arte de rua.

Desce-se da Graça para a Mouraria, olhando para baixo e para cima pois tudo nos fala e é importante. Poucos passeantes, na verdade só estrangeiros atentos à luz boa desta Lisboa.

Era a Mouraria o antigo bairro Mokambo, o dos negros e antigos escravos? Outros estrangeiros como nós?

Segui a calçada, até à Sé que foi mesquita. Toda a fé.



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Marina Brandão Lucas

gênero

POESIA PROSA

título

Religiões



Nova Atena

Saber e Bem-Estar

RELIGIÕES

"As religiões são caminhos diferentes convergindo para o mesmo ponto. O que interessa que tomemos diferentes estradas se no final atingirmos o mesmo objectivo, o mesmo resultado? Na realidade, há tantas religiões como há indivíduos."

Houve um ano em que participámos, em Goa Velha, nas comemorações do Dia Internacional da Não Violência. E acreditámos, eu acreditei, que não era apenas aparente essa sensação de igualdade e liberdade nesse dia de festa. Principalmente porque o que sobressaía era a figura de Gandhi, e era ele que se celebrava.

Mas tudo o que vi e senti em Goa, e na Índia que conheci, objectivamente, era algo antigo, que marcara tempos de grande violência, usurpação, subjugação do outro, colonialismo.

Mas, subjectivamente também, o que ficou e se mostra em marcas das diferentes religiões, levou-me a pensar em tudo o que a alma guardou, na fé, na devoção, na representação colorida desse tal desígnio da mesma meta religiosa. Fosse na pedra, nas flores, nas árvores, nas ofertas, nos santos, nos deuses, na música, na dança, nas procissões, nos silêncios.

Tantos caminhos levarão mesmo a essa meta utópica? Perguntei-me!

Já vi que não. Só um a um, indivíduo a indivíduo, lá chegaremos. Se assim o desejarmos.





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Teresa Castro Nunes

género

POESIA PROSA

título

O primeiro

O PRIMEIRO

O nosso primeiro encontro não foi casual. Foi tudo bem combinado com acertos de local e hora e tudo. E ali, àquele local, àquela hora, acorri de coração aberto, em ritmo apressado, num crescente nervosismo. Queria vê-lo. Queria conhecê-lo. Queria possuí-lo. Queria-o meu, só meu.

E ali estava ele, à minha frente. Ficámos, assim, num profundo silêncio analítico, o silêncio que precede toda e qualquer decisão. Ansiosa, dei o primeiro passo. Os meus olhos devoravam-no. Estendi o braço, toquei-o com a mão. Primeiro, um pequenino toque. Depois, levantei-a. E sem a baixar, acerquei-me um pouco mais e os nossos corpos tocaram-se.

Senti-o. Senti-o pela primeira vez. Senti-o e a magia aconteceu!

Percorri-o demoradamente, não só com uma mão, mas com ambas. Pausadamente. Sem pressas. Queria senti-lo com minúcia. A sensibilidade permitiu-me o embalo. E deixei-me envolver, cercou-me, cingiu-me.

Percebi que não mais nos iríamos separar. Saímos dali. A paixão e a confiança aumentavam em cada metro que percorríamos. E percorremos muitos, muitos...

Os passeios ficaram-me na memória. Eu adoro o mar e ele não se queixava. Eu adoro a serra e ele não se queixava. Eu adoro os caminhos calmos e frondosos e ele não se queixava. Eu adoro os meus amigos e ele não se queixava.

Mas que não seja julgado como um bonacheirão sem qualquer rasgo de personalidade. Não!

Ele tinha a sua personalidade e revelava-a no aperto da fome, mas com aviso prévio! Se não o satisfizesse, ai de mim! que ele dali não saía, não! Colava-se ao chão e não havia força humana que o demovesse. Percebi-o da primeira e única vez em que não acorri ao seu apelo. Foi uma aflição!...

Vivíamos o nosso éden, quando, num dia de chuva, o deixei ir com o meu pai. Despedimo-nos com a rapidez da breve separação, certos que, depois de almoço, ele estaria de regresso. Vi-o afastar-se em jeito manso até ao fim da rua, virar à esquerda e desaparecer...

Ali, no Marquês, o acidente aconteceu. O meu pai andava sempre apressado e conduzia como tal. O piso molhado ajudou à derrapagem e chocaram com o carro da frente...

As suas lágrimas em farto pranto espalharam-se em pedaços pelo negro e desolado asfalto e, ali mesmo, exalou o seu último suspiro sob o olhar atónito e aflito do meu pai.

Falecia o meu primeiro, o meu verde Horácio (como era conhecido) de tão boas famílias, a dos Fiat 127!



Nova Atena

Saber e Bem-Estar





MARÇO

2022



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Días!

NOVA ATENA – UNIVERSIDADE SÉNIOR DE LINDA-A-VELHA
www.novaatena.pt

COORDENAÇÃO Midá Sá-Chaves
REVISÃO Guida Correia Santos
DESIGN GRÁFICO Carlos Lopes